

Brigando com os fatos

Até agora, havia uma divisão muito clara: os defensores do PAS e os opositores do PAS. Agora, faz um mês que o Plano de Atendimento à Saúde foi implantado, com êxito absoluto, em Pirituba-Perus. O bom atendimento está lá, para quem quiser ver. O Ibope fez uma pesquisa cujo resultado fala sozinho: para 77% da população, o atendimento melhorou com o PAS.

Agora, a divisão é outra: quem quer que a população pobre seja bem atendida e quem não quer que a população pobre seja bem atendida. A questão já não é defender o PAS: diante do exemplo vivo de Pirituba-Perus, isso não é necessário. E, se fosse necessário defender o PAS, não seria o secretário da Saúde nem o prefeito que iriam fazê-lo. Hoje, quem defende o plano é a própria população por ele beneficiada.

O importante, quando se lança um novo produto, é a satisfação do consumidor. Pois bem, os consumidores do PAS estão satisfeitos com ele. Mas não são apenas os dados dessa satisfação que temos a apresentar. Temos o número de atendimentos, que saltou de 150, no dia 1º de janeiro, para 725, no dia 29 (e já tivemos dias com mil pessoas atendidas). As filas acabaram; a limpeza é absoluta; há médicos nos plantões



O importante, quando se lança um novo produto, é a satisfação do consumidor

(médicos satisfeitos, ganhando cinco vezes mais do que antes); os equipamentos funcionam; a quantidade de remédios dá para todos e o fornecimento é gratuito.

Agora, uma pergunta:

■ Se a população está satisfeita com o funcionamento do PAS;

■ Se os gastos da Prefeitura com a Saúde são os previstos no orçamento;

■ Se os médicos estão ganhando muito melhor;

■ Se não foi preciso criar nenhum imposto novo para atender convenientemente à população;

■ Por que, então, há gente combatendo tão ferozmente o Plano de Atendimento à Saúde?

A resposta é múltipla:

■ Existem maus profissionais, para quem o emprego público não significa trabalho, mas apenas uma fonte de renda — uma renda pequena, quase irrisória, mas garantida, constante e, sobretudo, vitalícia. Não querem trocar essa renda, que recebem sem dar nada em troca, por um bom salário que lhes exija trabalho.

■ Existem profissionais cujos vínculos político-partidários são mais fortes que o juramento de atender aos doentes. Um plano social criado pela administração de Paulo Maluf não pode, em hipótese alguma, receber seu apoio,

por melhor que seja; e, se funcionar bem, pior ainda, porque eles vão encarar-lo como novo desafio político a ser enfrentado.

■ Há pessoas bem-intencionadas que, temendo a pressão dos maus colegas, preferiram esperar para ver. Com estes não há problema: assim que virem que o PAS funciona, assim que virem que é o melhor caminho para implantar em São Paulo o atendimento universal e gratuito à saúde, logo que verifiquem que está no PAS o caminho da realização profissional, vão se mobilizar para trabalhar no novo plano.

■ Existe gente que acha pobre ótimo na hora de fazer discurso; mas, na hora de atendê-lo, a postura é diferente. Para esses adversários do PAS, é bom que o pobre fique na fila, não seja atendido, seja maltratado. No discurso dessa gente, é assim que se acirram as contradições sociais, base da revolução que dizem desejar. Saúde, dignidade humana, solidariedade? Para eles, isso é detalhe. E, se por acaso tiveram de cumprimentar um pobre, logo em seguida vão lavar a mão com álcool.

O mais curioso, nesses adversários do PAS, é que vivem falando em ética. Um dos mais raivosos líderes do movimento anti-PAS é um médico que foi demitido por justa causa de seu emprego público, numa prefeitura do Interior de São Paulo: o cavalheiro se recusou a levantar da cama, no horário de seu plantão, para atender aos doentes (em compensação, levantou-se e saiu do hospital, no

horário de seu plantão, para atender em outro local a um paciente pago). A Justiça confirmou sua demissão e, na sentença, considerou-o sensível apenas aos aspectos mercantis de sua profissão. E; no entanto, é justamente ele que vem falar em ética.

Abra o jornal. Veja o **Estado** depois de um feriado, de um fim de semana prolongado, de um domingo. Lá estará, inevitável, o drama de gente que foi buscar socorro nos estabelecimentos de saúde e não encontrou médico. Houve falta aos plantões — e, pode ter certeza, não são esses órgãos que hoje combatem o PAS que vão punir os profissionais que renegaram o juramento de Hipócrates para descansar mais alguns dias. O próprio presidente do Conselho Regional de Medicina, num debate na televisão, disse que em 11 anos foram punidos 16 médicos. Vá até a coleção do **Estado**. Será que, em 11 anos, em todo o Estado de São Paulo, só 16 médicos faltaram a seus deveres para com a população que lhes paga?

Mas não é preciso nos estendermos. O PAS completou um mês. As reportagens de jornais, emissoras de rádio, redes de TV estão lá, ouvindo a população; mostrando como funciona o atendimento, comparando o que existe com o que existia. Para ficar a favor do PAS não é preciso mais do que isso.

■ Roberto Paulo Richter é secretário da Saúde do município de São Paulo